


Tunga e a Escola de Arquitetura de Valparaíso nos anos 1960-70: Ato Poético como prática

*Tunga and the Valparaíso School of Architecture in the 1960s-70s:
Poetic Act as practice*

Tunga y la Escuela de Arquitectura de Valparaíso en los años 1960-70: el Acto Poético como práctica

Julia Cavalcante de Andrade* 

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.
Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
julia.andrade@fau.ufrj.br

Priscilla Alves Peixoto 

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura.
Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
priscillapeixoto@fau.ufrj.br

* Autora correspondente.

CRediT

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição: ANDRADE, J. C.; Análise; Metodologia; Supervisão; Validação; Visualização; Redação – revisão e edição: PEIXOTO, P. A.

Conflitos de interesse: As autoras certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Processo n. 88887.986350/2024-00.

Aprovação de ética: As autoras certificam que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A.: As autoras certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do trabalho.

Editores responsáveis: Daniel Sant’Ana (Editor-Chefe); Ana Elisabete Medeiros (Editora Associada); Elane Ribeiro Peixoto (Editora Associada); Aline Stefânia Zim (Editora Associada); Sarah Adorno Blanco Vencio (Assistente editorial).

Resumo

Tunga (1952–2016), nome de Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, é uma figura marcante na arte contemporânea. Mesmo amplamente reconhecido, aspectos biográficos, como suas experiências em Arquitetura nas décadas de 1960 e 1970, permanecem ainda pouco explorados. Sendo assim, este trabalho busca compreender as vivências iniciais do artista, em especial aquelas que envolvem o seu contato com a Escola de Arquitetura de Valparaíso e os “Ato Poéticos”, evidenciando como – para Tunga e para a escola – poesia, arquitetura e artes visuais convergem em práticas poéticas. Práticas que se materializam em palavras, em instalações e em diversos atos, sobretudo coletivos que irrompem a vida através da poesia. A investigação, desse modo, oferece uma nova perspectiva para a compreensão da obra de Tunga, ressaltando como experiências pedagógicas transnacionais entre Brasil e Chile, tidas naquele momento e através de interlocuções mantidas, enriqueceram sua prática poética. A pesquisa, por sua vez, fundamenta-se em um referencial teórico-metodológico que privilegia dimensões biográficas e de arquivo, destacando a “biografia intelectual” de François Dosse e o conceito de “biografema” de Roland Barthes. O *corpus* da pesquisa é composto por um diversificado conjunto de fontes provenientes tanto do arquivo do Instituto Tunga quanto do arquivo da Escola de Arquitetura e *Design* da PUCV.

Palavras-Chave: Tunga; Escola de Arquitetura de Valparaíso; Ato Poético; Instauração; Cidade Aberta.

Abstract

Tunga (1952–2016), born Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, is a prominent figure in contemporary art. Yet, despite his wide recognition, certain biographical aspects – such as his experiences in Architecture during the 1960s and 1970s – remain little explored. This work thus seeks to understand the artist’s early experiences, particularly those involving his contact with the School of Architecture of Valparaíso and the “Poetic Acts,” highlighting how – for both Tunga and the school – poetry, architecture, and visual arts converge into poetic practices. Practices that materialize in words, installations, and various acts, especially collective ones, that erupt into life through poetry. The investigation, therefore, offers a new perspective on the understanding of Tunga’s work, underscoring how transnational pedagogical experiences between Brazil and Chile, undertaken at that time and through ongoing exchanges, enriched his poetic practice. The research is grounded in a theoretical and methodological framework that privileges biographical and archival dimensions, drawing on François Dosse’s concept of “intellectual biography” and Roland Barthes’s notion of “biographeme.” The research corpus comprises a diverse set of sources from both the Tunga Institute archives and the archives of the School of Architecture and Design at PUCV.

Keywords: Tunga; Valparaíso School of Architecture; Poetic Act; Instauration; Open City.

Resumen

Tunga (1952–2016), nombre de Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, es una figura destacada en el arte contemporáneo. Y, aunque goza de amplio reconocimiento, ciertos aspectos biográficos – como sus experiencias en Arquitectura durante las décadas de 1960 y 1970 – siguen siendo escasamente explorados. En este sentido, el presente trabajo busca comprender las vivencias iniciales del artista, en particular aquellas relacionadas con su contacto con la Escuela de Arquitectura de Valparaíso y los “Actos Poéticos”, poniendo de relieve cómo – tanto para Tunga como para la escuela – poesía, arquitectura y artes visuales confluyen en prácticas poéticas. Prácticas que se materializan en palabras, instalaciones y diversos actos, especialmente colectivos, que irrumpen en la vida a través de la poesía. La investigación, de este modo, ofrece una nueva perspectiva para la comprensión de la obra de Tunga, destacando cómo experiencias pedagógicas transnacionales entre Brasil y Chile, llevadas a cabo en aquel momento y a través de interlocuciones mantenidas, enriquecieron su práctica poética. La investigación se fundamenta en un marco teórico-metodológico que privilegia dimensiones biográficas y de archivo, retomando la “biografía intelectual” de François Dosse y el concepto de “biografema” de Roland Barthes. El corpus de la investigación está compuesto por un conjunto diverso de fuentes provenientes tanto del archivo del Instituto Tunga como del archivo de la Escuela de Arquitectura y Diseño de la PUCV.

Palabras clave: Tunga; Escuela de Arquitectura de Valparaíso; Acto Poético; Instauración; Ciudad Abierta.

1 Introdução

Meu esforço é colocar a poesia como eixo central da arte contemporânea.
(Tunga *apud* Cypriano, 2012, p. 82).

Tunga (1952-2016), cujo nome verdadeiro é Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão, é representativo na arte contemporânea, tendo uma trajetória marcada por inúmeras exposições no Brasil e no exterior. A partir dos anos 1980 e 1990, Tunga expandiu sua carreira internacionalmente, especialmente por meio de ações que ele denominou de “Instaurações”.

Em 1999, Tunga realizou uma exposição individual no Centro Cultural Recoleta, em Buenos Aires. Na inauguração, apresentou “Teresa” (Figura 1), uma instauração que combinava instalação, cinema, performance, música e poesia. Nessa obra, *performers* simulavam estarem presos e, com o uso de tecidos, trançavam uma longa e simbólica trança chamada *Teresa*, utilizada como meio de fuga daquele espaço no qual a arte, institucionalmente, estaria desfazendo as fronteiras entre arte e vida.

A instauração era acompanhada pela música de Arnaldo Antunes, que recitava o poema “Teresa”, de autoria do próprio Tunga. Experiências como essa, no Recoleta, amplamente divulgada na mídia da época (Figura 2), foram recorrentes na trajetória de Tunga, consolidando sua concepção de instauração: a fusão entre instalação e performance, permeada pela poesia. A instauração, para Tunga, propõe que a arte siga além da contemplação, transformando-se em um evento vivo que envolve o público, um ato poético que ativa o espaço e cria novas formas de percepção e experiência.

Figura 1: Instauração “Teresa” (1999), Centro cultural Recoleta, Buenos Aires, Argentina.



Fonte: Arquivo Instituto Tunga.

Figura 2: Recorte de jornal “Tunga bagunça a Recoleta”.



Fonte: *Jornal do Brasil*, Caderno B, 13 de novembro de 1999/ Arquivo Instituto Tunga.

Vinte e seis anos antes dessa exposição, ainda em seu período de estudante e viajando com a sua família, havia vivenciado as práticas pedagógicas da Escola de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (PUCV). Mais particularmente a *Ciudad Abierta*, um *campus* experimental aberto utilizado desde a década de 1970, onde o aprendizado se dava através da construção coletiva de projetos. Acerca de Tunga neste período:

Foi no Chile que ele fez sua primeira exposição, em 1973, quando estudava Arquitetura na *Ciudad Abierta*, uma experiência precedente à contracultura do Maio de 1968. Em 1952, um grupo de arquitetos e poetas criou o Instituto de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso. Quinze anos depois, a partir de uma reforma universitária, o grupo fundou a *Ciudad Abierta*, onde o pai de Tunga, o poeta e jornalista Gerardo Mello Mourão, foi dar aulas, fugindo da ditadura militar brasileira. Mourão chegou a percorrer uma das históricas “Travessias” organizadas em Valparaíso, que percorriam o interior da América do Sul unindo a Terra do Fogo a Santa Cruz de la Sierra numa investigação do espaço latino-americano. De volta ao Brasil, em 1974, Tunga continuou a estudar Arquitetura na Universidade Santa Úrsula, no Rio, pela qual se formou. (Cypriano, 2012, p. 85).

Os professores, artistas e arquitetos da *Ciudad Abierta* promoviam *Phalènes* (Figuras 3 e 4), ações que eram concebidas como uma forma de poesia vivida em conjunto, realizadas de maneira colaborativa em diferentes espaços da cidade. Cada *Phalène* seguia um tema norteador e envolvia o uso de materiais diversos, criando experiências sensoriais e performáticas que exploravam a relação entre arte, arquitetura, paisagem e, sobretudo, poesia.

Os atos poéticos trabalhados na Escola tinham como inspiração os atos realizados pelos artistas surrealistas, e tinham como objetivo propiciar interpretações intuitivas dos espaços e das experiências. Em alguns casos, os alunos eram incentivados a recitar seus próprios poemas nas ruas e atuar no cotidiano da cidade como promotores da poesia. Rapidamente estes exercícios da Escola de Arquitetura ganharam novas proporções e passaram a conformar pequenos recitais, performances, leituras de poesia em grupos e até torneios entre os estudantes. (Meurer; Sandeville Júnior, 2018, p. 617).

Ainda sobre a prática pedagógica da escola, aponta Clara Meurer:

[...] a dimensão poética é acessada pelo poeta, em especial, através dos atos poéticos coletivos. Essa forma de expressão é contextualizada por Iommi¹ (1976): ainda que o poeta seja um *homem das palavras*, sua imagem está relacionada a algo maior que isso. A poesia vive em sua pessoa, em seu corpo, na sua linguagem e na sua vida. [...] Iommi (1976) afirmaria ainda que a poesia é o veículo para a visualização da essência da vida, ela revela a pura possibilidade do homem e possibilita sua realização. Ela abre a possibilidade para que existam tantos mundos quantos forem as concretizações escolhidas. [...] Iommi desejava que a imagem do poeta se fizesse lenda, de maneira que as suas palavras repercutissem no pensamento da comunidade alcançada e semeasse o modo de fazer poético. O poeta presente, na atualidade, pode ser reconhecido como uma lembrança constante da presença da poesia no viver e no fazer. (Meurer, 2020, p. 121-122).

Figura 3: *Phalène de los Proyectos de Título*, 1973, Chile.



Fonte: Arquivo da *Escuela de Arquitectura y Diseño*, PUCV.

¹ Claudio Mario Girola Iommi, poeta argentino e professor na Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso (PUCV). Junto a Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho, Abdias Nascimento, Efraim Tomás Bó e Juan Raúl Young, integrava o grupo intitulado Santa Hermandad Orquídea. Ao longo dos anos manteve contato e interlocução contínua com Gerardo, Tunga, sua família e amigos próximos.

Figura 4: *Phalène de los Proyectos de Título*, 1973, Chile.



Fonte: Arquivo da *Escuela de Arquitectura y Diseño*, PUCV.

Observando esses dois momentos distintos de contatos e experiências, no contexto de uma pedagogia de uma escola de arquitetura no Chile e da produção de um artista que manteve o contato com a mesma; como em ambos os contextos, a arquitetura, as artes visuais e, sobretudo, a poesia, se apresentam de maneira integrada, isto é, como uma única e mesma prática poética? Como esses elementos se entrelaçam e se manifestam de forma convergente?

Considerando o intervalo temporal entre essas práticas e reconhecendo as zonas de contato entre ambas, as questões que nos propomos a investigar são: como é possível que experiências ocorridas em contextos e momentos tão distintos – uma em uma escola de arquitetura no Chile, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970², e outra em espaços institucionais ou não de arte, com quase três décadas de diferença – pareçam tão próximas? De que maneira essa experiência espacial, sensorial e poética se configura como uma única prática, tanto no contexto da escola de arquitetura de Valparaíso, quanto na obra de Tunga, que esteve em contato com ela?

Propõe-se, portanto, não uma espécie de teleologia das experiências em Valparaíso como a gênese do que Tunga viria a desenvolver posteriormente como artista plástico, mas sim uma investigação sobre a construção de um processo. Trata-se de compreender como essas vivências contribuíram para a formulação de seu pensamento artístico enquanto um fragmento do todo de sua carreira. Para Tunga, nos parece que esse processo estava intimamente ligado à ideia de construir poeticamente o mundo.

As aproximações realizadas neste estudo seguem a lógica de observar como Tunga concebia poeticamente a realidade. Essa conexão em sua obra, é claro, não se resume unicamente a uma reverberação de seu contato com a didática de Valparaíso, mas se constrói ao longo do tempo, à medida que ele estabelecia diálogos e contatos com diferentes países, lugares, pessoas e contextos. Outros lugares e encontros também marcaram sua formação. No entanto, para este trabalho, o recorte foca nesse fragmento específico de sua trajetória, destacando o papel de Valparaíso nesse percurso de uma

² Essas interações não se limitaram à sua juventude; pelo contrário, o diálogo entre o artista e a instituição perdurou ao longo das décadas seguintes, sendo essa continuidade analisada de forma detalhada com base em arquivos e fontes na tese de doutorado desenvolvida pela autora. O foco deste artigo, portanto, está especificamente nos anos iniciais de sua trajetória e vivências.

vida, como parte de um processo que é contínuo e que está intrinsecamente ligado à totalidade de sua obra e de sua trajetória pessoal.

1.1 Estado da questão

Atualmente, é possível identificar uma vasta fortuna crítica sobre a obra de Tunga, composta por inúmeros artigos, dissertações, teses, além de textos curatoriais, críticos e ensaísticos de renomados autores, como Suely Rolnik, Lúcia Canongia, Carlos Basualdo, Paulo Sérgio Duarte, Paulo Venâncio Filho, Celso Fioravante, Luiz Camillo Osório, David Ebony, Marc Pottier, Guy Brett, entre muitos outros. Esses escritos abordam a obra do artista sob diversas perspectivas, explorando temas centrais para Tunga e oferecendo diferentes enfoques sobre sua produção. Em grande parte, os textos tratam da relação e do intercâmbio de Tunga com instituições de arte no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, em um período em que a sua produção já estava consolidada. A formação de Tunga e sua relação com os debates arquitetônicos nos países em que residiu durante sua juventude foram abordadas de forma pontual, oferecendo pistas importantes para esta investigação.

A primeira delas, uma matéria do jornal *O Globo*, de 2 de julho de 1974, intitulada “Tunga: os traços do inconsciente” para divulgação da primeira exposição individual de Tunga, a qual ocorreu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na ocasião, o jornal expôs: “O autor, de 22 anos, estudante de arquitetura da PUC³, já participou de várias exposições, entre as quais a do Instituto de Arte da Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso, Chile” (*O Globo*, 1974). Na década seguinte, novos jornais, ao divulgarem exposições de Tunga, também apresentaram o artista evidenciando a sua formação, como Ignacio Ferreira em uma matéria do jornal *O Globo* intitulada “Alumínio, chumbo e seda: Tunga e suas tranças ‘fantasmáticas’”, de 18 de agosto de 1984, onde consta: “Carioca, 32 anos, formado em arquitetura, esta é a sexta mostra individual de Tunga” (Ferreira, 1984).

A referência à formação de Tunga é retomada por Paul Sztulman em texto para a décima edição da *Documenta* de Kassel, em 1997, assim escreve: “Tunga pertence à geração de artistas brasileiros seguidores de Hélio Oiticica e Lygia Clark. Arquiteto por formação, imerso em literatura (de Nerval a Borges) e em referências filosóficas e científicas (arqueologia, paleontologia, zoologia, medicina), seu trabalho exibe a marca das grandes ficções do continente latino-americano” (Sztulman, 1997, p. 226). Do mesmo modo, o pouco referenciado contato de Tunga com o Chile, foi exposto por Suely Rolnik em seu famoso texto “Instauração de mundos” (1998):

Mas a linha do “exercício experimental da liberdade” não se esgota nestes criadores; ela continua reatualizando-se, estendendo-se ao contemporâneo e ligando outras tantas obras. É nítida sua presença no trabalho de Tunga, que aliás formou-se exatamente na efervescência cultural do Brasil anos sessenta, combinado com o Chile revolucionário de Allende (onde iniciou-se ao neobarroco latino-americano) e com uma Paris ainda contaminada por maio de 68. (Rolnik, 1998, p. 7-8).

³ Gerardo Mello Mourão (1917-2007), pai de Tunga, nascido no Ceará, foi poeta, ficcionista, político, jornalista, tradutor, ensaísta e biógrafo brasileiro.

Algumas décadas depois, tanto a formação em arquitetura quanto a vivência no Chile são retomadas por Bruno Moreschi, em seu texto “Dentes descabelados: enigmas e entrechoques nas obras de Tunga”:

Tunga fala pouco do pai. Mas reconhece que ter sido criado por um homem que gostava de arte o influenciou. Antes de cursar arquitetura, na universidade carioca Santa Úrsula, Tunga havia viajado com o pai por diversas partes do mundo. Conheceram praticamente toda a América, em especial o Chile, onde Mourão deu aula de história e cultura da América na universidade católica de Valparaíso. (Moreschi, 2010).

Em 2013, uma passagem apontada por Maria Pontes em seu texto “Tunga”, para a *Art Review*, aprofunda um pouco esse aspecto da vida do artista: “A família foi forçada ao exílio no Chile pela ditadura militar brasileira, e apenas no início da década de 1970 Tunga retornou ao Rio de Janeiro para cursar Arquitetura enquanto desenvolvia sua prática artística” (Pontes, 2013, tradução nossa). E, em 2020, um livro importante e expressivo sobre Tunga foi publicado com a autoria de Catherine Lampert (2020). Contando com a significativa presença de textos escritos por Fernando Sant’Anna⁴, o livro foi intitulado “Tunga” e editado pela Cosac Naify, apresentando quarenta anos da intensa produção do artista, além dos seus aspectos biográficos.

Diversos autores, diante de suas motivações particulares, fizeram contribuições significativas que ampliaram a compreensão da obra de Tunga. Nessas leituras, há indícios da relação de Tunga com a Escola de Valparaíso e da importância desse vínculo em sua produção. Em relação à bibliografia existente, este trabalho se posiciona de maneira distinta frente à obra de Tunga. A abordagem adotada é menos voltada para a crítica de arte e mais fundamentada no campo da História da Arte e da Arquitetura. Em vez de partir dos efeitos da obra para compreendê-la, busca-se localizar e analisar as fontes primárias, investigando como se deu essa construção ao longo do tempo.

Pensando a relação de Tunga com a Escola de Valparaíso através da poética como prática, o objetivo aqui não é examinar a obra apenas pelo seu impacto ou recepção, mas historiar o processo que a constituiu. Isso implica um deslocamento metodológico: em vez de nos deter exclusivamente na análise das obras finalizadas, ampliamos o escopo da investigação para considerar uma diversidade de fontes que permitam reconstruir e criticar – no sentido epistemológico – o desenvolvimento desse percurso criativo.

Assumir uma postura que provém da História da Arte e da Arquitetura transforma a natureza deste trabalho através do deslocamento da pergunta inicial – e da crítica da obra para a investigação dos processos de concepção – o que possibilita um mergulho mais profundo no tema. Nos levando a olhar para elementos que, muitas vezes, não foram considerados pelos críticos anteriormente.

Além disso, essa abordagem é atravessada pela experiência direta com o arquivo, que orienta e alimenta a pesquisa, proporcionando novos caminhos de interpretação. Ao navegar por esse espaço ainda pouco explorado e fragmentado de informações, o processo de pesquisa visa dar voz a dados até então não considerados, oferecendo uma nova e até então desconhecida perspectiva do artista. Trata-se de abrir caminho para releituras, articulações e novas interpretações de sua obra, o que, por consequência,

⁴ Assistente de Tunga por mais de 15 anos, é hoje uma das principais fontes de conhecimento da estética e poética da obra de Tunga.

implica em uma atualização crítica da narrativa sobre certos momentos de sua existência e produção.

1.2 Referencial teórico-metodológico

Como mapear e compreender essas experiências e contatos de Tunga com a Escola de Arquitetura de Valparaíso nos anos 1960-70? A procura dessa dimensão não se trata somente de um exercício biográfico, pretendendo abordar um aspecto ainda não exposto sobre o artista Tunga, mas sim algo que nos permite refletir sobre a tensão e a relação entre, por um lado, uma vida, e, por outro lado, uma obra. Entendendo que, nesta pesquisa, necessariamente é preciso passar por aspectos biográficos e lidar com arquivos sem, no entanto, pretender ser uma biografia. Esse olhar nos põe diante de nosso primeiro enfrentamento: a questão biográfica. Sendo assim, fazemos usos da biografia e do arquivo como instrumento de pesquisa, sobretudo por seu potencial heurístico acerca da construção das identidades sob o impacto das experiências vivenciadas.

Em primeiro lugar, diante da pretensão em entender os aspectos biográficos de Tunga em articulação com a sua obra e não vendo como dimensões separadas, a noção de “biografia intelectual”, pautada por François Dosse em “O desafio biográfico: escrever uma vida”, se apresenta como fundamental, visto que: “[...] seja qual for o caso considerado de adequação ou não entre a obra e a vida, o biógrafo deve pensá-las juntas sem reducionismo, pondo-as em tensão” (Dosse, 2009, p. 388).

Em segundo lugar, é nossa intenção necessariamente entender Tunga como um sujeito plural, não buscando um retrato totalizante seu, mas sim fragmentário, o que reverbera em sua obra. Isto é, o diverso conforme o momento considerado paradoxal e em constante mudança, a mutabilidade na coesão de uma vida. E, sobretudo, diante da pluralidade da vida de Tunga trabalhar determinados traços e fragmentos da vida, pontos que se destacam para o que queremos tratar, a noção de “biografema”, pautada por Roland Barthes (1984) em “A câmara clara”, uma vez que não visamos entender a vida de Tunga na totalidade, mas sim recortes e fragmentos específicos.

Ao contrário do que a amplitude da produção e da vida de Tunga possa sugerir, cabe também já apontar os limites desta pesquisa quanto à pretensão de abarcar os aspectos biográficos, visando uma identidade não fixa. Neste ponto, a pluralidade correspondente coloca a mutabilidade como inerente à coesão de uma vida.

Ainda quanto ao corpus da pesquisa, para essa investigação, as principais fontes incluem o acervo de obras, a biblioteca pessoal e o arquivo do próprio artista, que reúne uma ampla coleção de documentos, fotografias, manuscritos e cadernos de diversos períodos de sua vida. O acesso a essas fontes foi viabilizado pelo Instituto Tunga, que se dedica à preservação e divulgação da extensa obra do artista. Arquivo o qual já estava em vista por Tunga ainda em vida, segundo depoimento seu à João Vergara Santos:

Para Tunga, a maturidade o levou a ter vontade de conservar, o que também torna sua vida hoje muito mais fácil. Por receber uma demanda significativa de estudantes e pesquisadores que procuram informações e mesmo a possibilidade de acesso às suas obras, essa organização tornou-se necessária. (Santos, 2008, p. 55).

Esta pesquisa também se beneficiou do Arquivo Histórico José Vial Armstrong, o qual preserva, mantém, valoriza e disponibiliza o patrimônio artístico e intelectual dos mais de

60 anos da Escola de Arquitetura e Design da PUCV. Com base nessas fontes primárias e em materiais complementares, foi possível articular as informações obtidas e desenvolver este artigo.

2 A herança de um poeta na construção de uma prática poética enquanto ato

Em 1998, em parceria com Artur Barrio, Tunga realizou uma Instauração denominada “Há sopas” (1998)⁵, no Museu de Arte Moderna da Bahia (Figura 5). Esta ocasião, em particular, foi citada pelo pai de Tunga, Gerardo Mello Mourão⁶, em seu livro “*Los ojos del gato & el retoque inacabado: memorial de Edison Simons*” (2013)⁷. Em uma rápida passagem na qual citava Tunga e seu amigo Simon Lane⁸. No livro, Gerardo rememora o evento na Bahia:

Creio que ali esteve também o poeta inglês Simon Lane. Que o hospedava em seu fechado clube londrino e foi seu parceiro em rumoroso ato poético, provocado na Bahia, em performance de Tunga de Arthur Barrio. Alberto Cruz e Godofredo Iommi teriam feito isto, se não estivessem em países distantes. Godo em sua recente sepultura e Alberto em sua Escola de Valparaíso. (Mello Mourão, 2013, p. 34-35).

Figura 5: Instauração “Há Sopas” (1998), Museu de Arte Moderna da Bahia.



Fonte: Arquivo Instituto Tunga.

⁵ O registro em vídeo da Instauração pode ser assistido no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ilxNm1SJUh4>. Acesso em: 18 set. 2025.

⁶ O jornal apresentou Tunga equivocadamente como estudante da PUC, quando, na verdade, era estudante da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro.

⁷ Este livro foi escrito por Gerardo como um memorial a Edison Simons, amigo de Gerardo e seu círculo social chileno. A edição utilizada na pesquisa pertenceu ao próprio Tunga, integrando sua biblioteca pessoal.

⁸ Poeta inglês parceiro de Tunga em diversos trabalhos, sobretudo Instaurações.

As poucas palavras de Gerardo nessa passagem apresentam dois pontos relevantes: o primeiro, de que ele chama o evento de “Ato Poético” e não de “Instauração”, como Tunga chamava. O segundo, de que ele afirma que Alberto Cruz e Godofredo Iommi (amigos chilenos de Gerardo vinculados à Escola de Valparaíso e criadores dos Atos Poéticos na instituição) teriam feito o mesmo. Ou seja, o que Tunga denominou e realizava como Instauração, para Gerardo que sabia o passado por trás da prática, não chamaria de outro modo, a não ser de Ato Poético, assim como concebido por seu círculo social chileno. Tendo conhecimento desse passado, Gerardo via, na verdade, as “Instaurações” de Tunga como “Ato Poéticos”, à maneira como se fazia no Chile.

Alguns anos depois, em 2001, Tunga, também em parceria com Barrio, realizou uma nova Instauração intitulada “Milagrinho – Um Sonho do Barrio” (2001)⁹, ocorrida na Nova Orlandia (Figura 6) e organizada por um coletivo de jovens artistas ocupando uma casa desapropriada no Rio de Janeiro. Dela participaram, por exemplo, novamente o poeta Simon Lane, o artista Cabelo e a importante presença de Gerardo Mello Mourão, aos seus 84 anos. Na ocasião, Cabelo e Gerardo recitaram o poema “Ladainha do Morto” (1998)¹⁰.

Estas duas instaurações são emblemáticas não somente pela presença ativa de Gerardo Mello Mourão, como também por apontar a constância de algumas características consoantes às práticas poéticas em Valparaíso, tais como: a presença poética dos indivíduos em relação à ocupação de um lugar; fundando ali um fenômeno, uma celebração coletiva e a possibilidade de revelação e concretização de um outro mundo através da poesia e do sujeito.

Figura 6: Instauração “Milagrinho – Um Sonho do Barrio” (2001), Nova Orlandia, Rio de Janeiro (Gerardo e Tunga).



Fonte: Exemplar que integra a Caixa de livros Tunga, publicado pela Cosac Naify em 2007.

⁹ O registro em vídeo da Instauração pode ser assistido no link: <https://www.youtube.com/watch?v=tUSG-NM23Es>. Acesso em: 18 set. 2025.

¹⁰ Poema de autoria do próprio Gerardo, no qual são citados Valparaíso e Chile. O poema completo foi publicado no livro “Se Essa Rua Fosse Minha”, exemplar que faz parte da Caixa de livros Tunga, publicado pela Cosac Naify em 2007.

Partindo da importante figura de Gerardo Mello Mourão, observa-se que os aspectos biográficos de Tunga são necessariamente atravessados também pela biografia de seu pai, não só no que toca a sua juventude, como também os anos que se seguiram. Em um retorno a um momento anterior da vida de Tunga, no que tange às suas vivências no Chile, há como ponto de partida o ano de 1966, quando Gerardo autoexilou-se no Chile com a família¹¹. Neste contexto, “[...] a família se mudou para a ascética colônia de artistas de Viña del Mar, ao sul dos lagos no Chile” (Lampert, 2020, p. 37). Lá, viveu por dois anos e meio, enquanto Gerardo lecionava na Universidade Católica de Valparaíso, Tunga, aos 14 anos, cursou o Colégio San Ignacio, em Santiago¹², e vivenciou um intenso contato com a instituição, com os seus professores, alunos e amigos intelectuais de seu pai.

Para compreender as origens da formação da Escuela de Valparaíso (1952)¹³, é necessário partir da relação de amizade estabelecida entre um grupo de intelectuais sulamericanos reunidos sob o nome de *Santa z de la Orquídea*¹⁴. Essa história tem início no ano 1939, quando um grupo de jovens argentinos e brasileiros, que haviam se conhecido em Buenos Aires, criou, no Rio de Janeiro, o grupo *Santa Hermandad de la Orquídea*. O grupo, inicialmente formado pelos brasileiros Gerardo Mello Mourão (1917-2007), Napoleão Lopes Filho e Abdias Nascimento (1914- 2011); e os argentinos, Godofredo Iommi – o “Godo” – (1917-2001), Efraim Tomás Bó (?-1975) e Juan Raúl Young, buscava construir um sentido independente e poético para a compreensão da geografia do território sul-americano. (Machado, 2020, p. 160).

Neste momento, “Um dos fundadores da universidade, o poeta argentino Godofredo Iommi, queria estabelecer uma ‘ágora’ para pessoas criativas, principalmente arquitetos e escritores. [...] As marcas deixadas no adolescente Tunga foram ‘profundas’” (Lampert, 2020 p. 37). De fato a experiência deixou marcas, “Lá, durante dois anos de convivência com os alunos do pai, que lecionava numa escola não ortodoxa de Arquitetura, Tunga teve a ideia de se tornar arquiteto. Ali se pregava a *soft architecture*, uma arquitetura idealizada, não apenas como construção material, mas também como poesia” (Spinelli, 2016). Sobre a Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso, declarou ainda Gerardo:

Trata-se da mais avançada de todo o mundo, onde os estudantes recebem sólida formação humanista e na qual Le Corbusier disse que gostaria de ter estudado. No primeiro ano se estuda Platão, Aristóteles, Homero, Pound, a poesia moderna, música, etc. Os alunos não frequentam salas de aula, mas os ateliês dos professores. (Mourão *apud* Catunda, 1999, p. 26).

Vivendo aquele contexto, Tunga e seu irmão Gonçalo de Mello Mourão (Figura 7) experienciaram uma intensa convivência cultural, habitando a mesma rua em que moravam professores que eram também pintores, escultores e poetas. Sobre esse período, relembra Tunga em entrevista em 2010¹⁵:

¹¹ Devido a uma cassação durante o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Mais informações então presentes em depoimento de Gerardo Mello Mourão no Arquivo da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/historia-oral/Memoria%20Politica/Depoimentos/gerardo-mello-mourao/texto>

¹² Conforme Carteira escolar de Tunga de 1966, no Colegio San Ignacio, em Santiago, Chile.

¹³ Coincidentemente, a Escola de Arquitetura de Valparaíso foi criada por esse grupo ligado à Gerardo no mesmo ano de nascimento do Tunga.

¹⁴ O grupo publicou uma edição impressa, sob o mesmo título. Tunga possui uma edição em sua biblioteca pessoal.

¹⁵ Entrevista de Tunga ao Al Jazeera. One on One, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0lwKc4dh6P0>

Foi uma época maravilhosa, porque no exílio [Gerardo] esteve envolvido em uma universidade no Chile que é a católica de Arquitetura. E *era uma universidade muito particular que foi fundada por poetas e arquitetos, eles estabeleceram que a arquitetura tinha que passar pela poesia*. Diferente da maior parte da arquitetura que não é. E eu vivi muito intensamente esse tipo de coisa poética no Chile naquele momento. (Tunga, 2010, grifo nosso).

Figura 7: “Tunga e eu [Gonçalo] em La Serena, Chile, 1966.”



Fonte: Arquivo Instituto Tunga.

Em 1968, próximo de completar seus 16 anos de idade, são publicadas reflexões artísticas de Tunga bem consolidadas para sua pouca idade, no Correio da Manhã de 17 de janeiro de 1968 (Figura 8). Na matéria com o título “Arte negra serve de pesquisa para os mini-pintores”, Tunga aparece com Bida, filho de Abdias do Nascimento, um dos integrantes da Irmandade Orquídea. Na reportagem, Tunga já apontava seus planos: “Eu mesmo, que desde 1964 tenho verdadeira loucura pela pintura, espero formar-me em arquitetura, embora nunca queira, em momento algum, abandonar o pincel” (Tunga, 1968).

E, em 1969, no Brasil, Tunga se matricula no curso de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro¹⁶, iniciando o período letivo em 1970. Em paralelo ao curso no Brasil, Tunga permaneceu vivenciando a Arquitetura na *Ciudad Abierta*¹⁷ (Figura 9), e em contato com a Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso. Sobre a *Ciudad Abierta*:

A nova cidade teria de ser concebida não em termos de escala, da densidade de população ou da organização de suas atividades, mas em termos de suas instituições públicas – a *ágora* – onde a poesia poderia ser revelada, e a vida e

¹⁶ Conforme Histórico Escolar de Tunga na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo “Santa Úrsula”. Localizado no arquivo do Instituto Tunga.

¹⁷ Fundada por poetas, arquitetos, designers, escultores, filósofos e artistas em grande parte da Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso.

a arte poderiam crescer juntas. O ritual fundacional da *Ciudad Abierta* consiste em uma série de *phalenes*, incluindo uma perambulação pelo sítio com o objetivo de “abri-lo”. Ao invés de estabelecer um único ponto focal para a cidade, o grupo decide criar toda uma constelação de ágoras. (Teixeira, 2003)

Figura 8: “Arte negra serve de pesquisa para os mini-pintores”, 1968.



Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro (1968) / Arquivo Instituto Tunga.

Figura 9: *Ciudad Abierta*, Acto de Apertura de Terrenos, 1971, Chile.



Fonte: Arquivo da Escuela de Arquitectura y Diseño, PUCV.

A exemplo do exercício da prática em Valparaíso, ainda em 1971, Tunga, junto a seu pai, irmão e mais companheiros no Brasil, realizaram o “Ato Poético – *Phalene*”, na época divulgado no *Correio da Manhã*, em 1971 (Figura 10). Além da própria denominação do ato, tratava-se de uma experimentação bastante próxima às atividades propostas em Valparaíso.

Figura 10: “‘*Phalene*’, um ato poético”.



Fonte: *Correio da Manhã* - Edição 23849, 1971/ Arquivo Instituto Tunga.

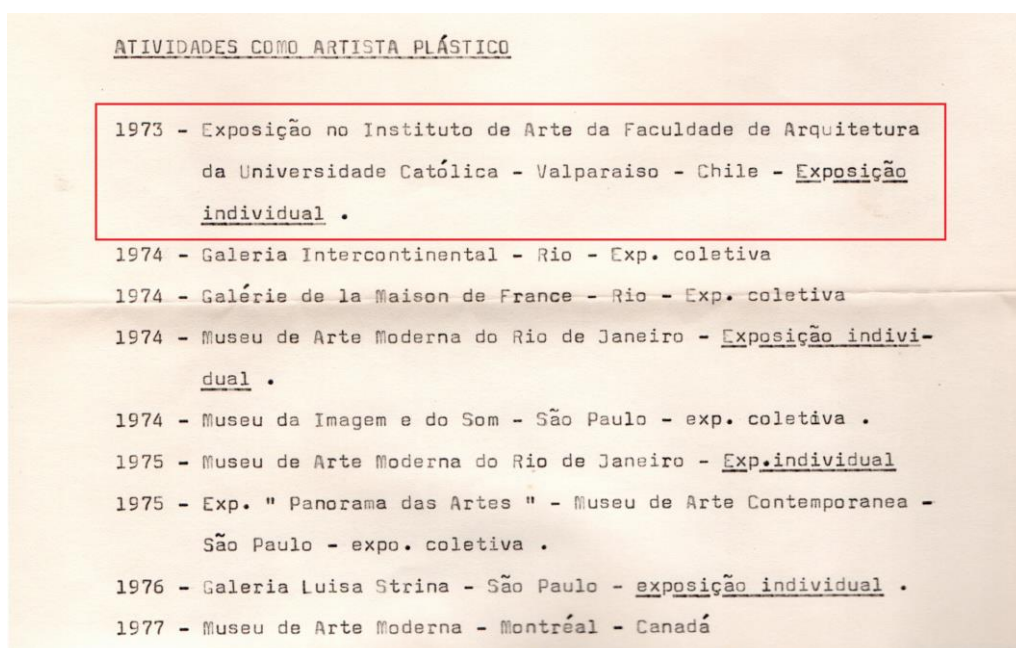
Lembra Tunga em entrevista sobre este período:

Tínhamos contato com a escola de arquitetura de “Viña del Mar Val Paraíso”, um grupo de poetas que tinha fundado essa escola, extremamente experimental, onde se ensinava arquitetura fazendo-se arquitetura. Eles tinham um terreno avançado da escola, uma imensa praia, mais ou menos como a Barra da Tijuca, onde os estudantes não tinham prazo para se formar.

Eles iam para lá construir suas próprias casas, construíam a *ágora*, construíam o palácio da musa. Então, essa experiência, que era uma experiência radical de ligação da poesia com as artes visuais, com a música, com a arquitetura. (Tunga, 2003, p. 583).

No ano de 1973, ainda nesta dupla formação e vivência entre Chile e Brasil, Tunga, aos 21 anos, realizou a sua primeira exposição internacional (Figura 11), no Instituto de Arte de Valparaíso, no Chile¹⁸.

Figura 11: *Curriculum Vitae* de Tunga. Década de 1970.



Fonte: Arquivo Instituto Tunga.

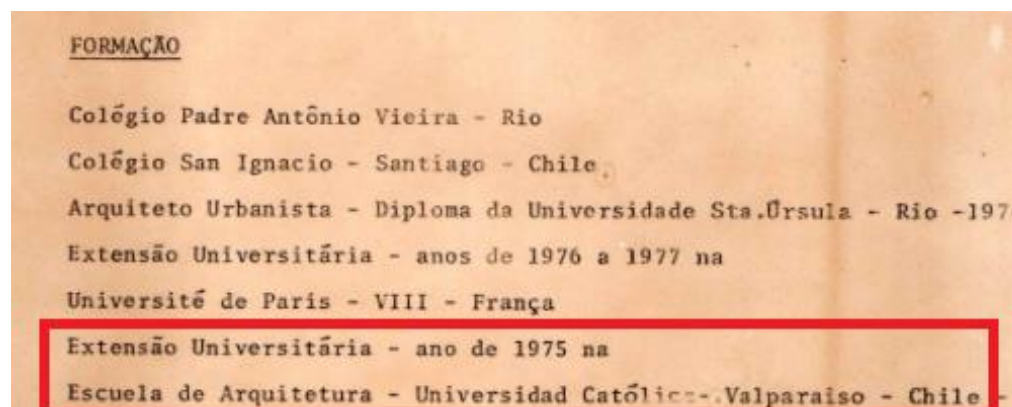
No ano seguinte à exposição, em 1974, Tunga, aos 22 anos, concluiu o curso de Arquitetura no Brasil e obteve o seu diploma de Arquiteto pela Universidade Santa Úrsula¹⁹. No ano seguinte, aos 23 anos, Tunga retomou novamente seu contato com o ensino de arquitetura de Valparaíso. Assim, em 1975, realizou uma Extensão Universitária (Figura 12) na Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso²⁰.

¹⁸ No arquivo do Instituto Tunga foi localizada uma foto registrada por Raul Bonocuore, amigo de Tunga naqueles anos no Chile, junto a uma ficha referente aos desenhos expostos no Instituto de Arte da Universidade Católica de Valparaíso, Chile, no ano de 1973.

¹⁹ Conforme Diploma de Arquiteto de Tunga. Localizado no arquivo do Instituto Tunga.

²⁰ Conforme Currículo de Arquiteto de Tunga. Localizado no arquivo do Instituto Tunga.

Figura 12: Curriculum Vitae de Tunga. Década de 1970.



Fonte: Arquivo Instituto Tunga.

Durante esse período, a Universidade de Valparaíso vivia um momento de efervescência cultural e política. O ambiente da *Ciudad Abierta* promovia uma abordagem inovadora e colaborativa para a criação artística e arquitetônica, mesclando diferentes linguagens e práticas. A interlocução de Tunga com essas experiências em sua formação parece, em grande medida, ter tocado na concepção de sua prática artística do que tange, sobretudo, à centralidade da poesia enquanto unificadora de todas as linguagens.

Embora documentos específicos que detalham a matrícula ou os projetos de Tunga de seu tempo na universidade possam não estar prontamente disponíveis e, assim, não sendo ainda possível saber se Tunga teve uma inscrição ou matrícula formal em um curso lá oferecido, os poucos registros existentes e até então encontrados apontam para como ele vivenciou aquelas experiências. As trocas com aquele ambiente colaborativo e aberto à experimentação artística, como os atos poéticos, parecem estar profundamente presentes em sua obra em termos de materialidade e na criação de atos poéticos - para Tunga, instaurações - que envolvem a participação de pessoas e poesia como parte ativa da obra. A exemplo das instaurações já aqui apresentadas.

E cabe aqui destacar a figura de Gerardo de Mello Mourão como crucial para a inserção de Tunga nesse contexto artístico, poético e arquitetônico. Sua rede de contatos intelectuais certamente abriu portas e facilitou conexões para que Tunga pudesse vivenciar a experiência inovadora e experimental da *Ciudad Abierta*. Tunga, enquanto herdeiro de um poeta, certamente foi diretamente influenciado pela experiência de seu próprio pai, que por conta de seu círculo de amigos, vivenciou a construção dessa escola. Assim, Tunga não se configura apenas como um herdeiro simbólico, mas como alguém profundamente imerso nessas experiências fundadoras de uma prática poética enquanto atos.

3 Entre a biblioteca e a prática poética

Além dos eventos elencados no item anterior, na biblioteca pessoal de Tunga foram também encontrados livros com referência a Valparaíso, a *Ciudad Abierta* e aos Atos Poéticos. Publicações de autoria do poeta argentino Godofredo Iommi, do arquiteto chileno Alberto Cruz Covarrubias e do artista argentino Claudio Girola, os quais citam a prática pedagógica em Valparaíso. A permanência, ainda hoje, desses livros na biblioteca do artista oferece uma perspectiva valiosa sobre o aparato prático e conceitual referente

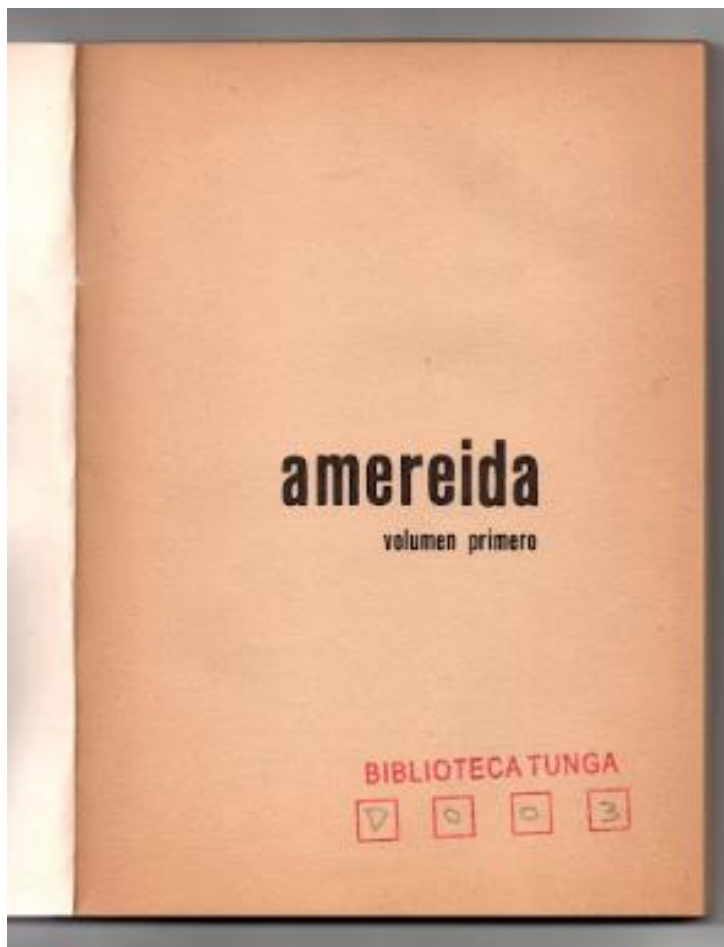
a Valparaíso. O encontro desses livros revelou-se como mais uma chave para entender o passado de Tunga neste recorte específico.

Entre os volumes encontrados, destaca-se especialmente uma edição de “Amereida” (Figura 13), proveniente do grupo fundado por Alberto Cruz e Godofredo Iommi, que visava articular de maneira poética uma nova narrativa para as Américas. Este livro, atualmente raro, foi basilar em relação à Escola de Arquitetura de Valparaíso, publicado como uma espécie de diário poético durante o processo de consolidação das bases conceituais referentes às práticas na *Ciudad Abierta*. Esta comunidade arquitetônica e artística enraizada na crença de que a arquitetura poderia transcender a mera construção, podendo ser uma expressão viva de poesia e comunidade. A qual se concentrava na criatividade coletiva, borrando as linhas entre artistas e arquitetos, à medida que os papéis se tornavam mais horizontais. Ainda sobre a origem do livro:

[...] A resposta do grupo quanto à identidade latino-americana tomou forma no projeto “Amereida”, que combinava a escrita em grupo de um poema (o nome Amereida se refere ao *Aeneid*) e uma jornada ao longo do continente. [...] No final dos anos sessenta, foram iniciadas as obras da *Ciudad Abierta*, o local onde algumas das ideias do grupo puderam ser finalmente implementadas. (Teixeira, 2003).

Na biblioteca pessoal de Tunga, estavam tanto a primeira edição, lançada na época, com o carimbo da Biblioteca Tunga, quanto uma segunda edição, mais recente.

Figura 13: “Amereida”, edição localizada na biblioteca pessoal de Tunga.



Fonte: Biblioteca do artista/ Instituto Tunga.

A primeira edição da “Amereida”²¹ data de 15 de maio de 1967 em Santiago, no Chile, em paralelo à implementação da *Ciudad Abierta*. Período em que Tunga lá esteve, junto a Gerardo e sua família, presenciando aquilo e vendo seu pai fazendo parte das experiências de fundação daquela prática pedagógica que defendia que a arte deveria ser uma extensão da vida e da experiência humana, uma ideia que Tunga parece, em grande medida, incorporar em toda a sua produção ao longo da vida.

Estas experiências em Valparaíso, que envolviam a proposição de arquiteturas experimentais, eram essencialmente envolvidas pela poesia, assim como reafirmam as palavras de Gabriela Machado: “Os atos fundantes dessa Escola ampliam o entendimento e concepção da arquitetura como ato poético e, por extensão, como possibilidade de práticas autônomas às estruturas de ensino e poder daquele momento” (Machado, 2020, p. 159).

Se torna emblemática a centralidade que a poesia assume nos atos realizados em Valparaíso, particularmente através de Godofredo lommi:

lommi propôs e provocou uma poesia feita por todos, obedecendo o axioma de Lautréamont. Atos desenvolvidos na vida, envolvendo as paisagens cotidianas, nos quais participam todos ou qualquer um. [...] Essa poiesis se entende como a possibilidade de fazer aparecer, criativamente, algo que antes não existia. E esse jogo de aparecimento pode ser exercido em qualquer ofício. (Reyes Gil, 2017, p. 18 *apud* Meurer, 2020, p. 122).

Assim, complementa ainda Meurer através de Luza Cornejo acerca do Ato Poético:

[...] uma poética que abandona a página e se transforma em um ato que irrompe da vida e da extensão, trazendo o que nomeia como a festa consoladora; o poeta portador da festa da condição humana. Assim surge o ato poético, a *Phalène*, uma poética que se consuma a si mesmo no ato, todo o que nele se produz é uma doação. (Cornejo, 2013, p. 19 *apud* Meurer, 2020, p. 122).

Em grande medida, as características presentes no Ato Poético parecem descrever também as ações de Tunga em suas Instaurações nos anos 1990 e 2000, na maioria dos seus aspectos. O artista, em sua obra, se colocava dessa maneira em suas Instaurações, como o poeta portador da festa da condição humana, instaurando fenômenos que irrompem da vida, cuja dimensão poética é acessada e revelada através dele e expandindo ao coletivo no ato.²²

Ainda sobre este protagonismo da poesia enquanto prática, Tunga já havia exposto em entrevista a Ruth Chindler, em 2014: “Eu acho que a função central da poesia e da arte não está necessariamente ligada a esse lugar onde a arte acontece institucionalmente, ela está ligada à experiência da subjetividade, à experiência da multiplicidade do sujeito, que somos nós” (Tunga, 2014a, 2014b). A partir dessa ênfase, o próprio Tunga já havia afirmado:

²¹ A obra e seu viés poético relacionado à arquitetura é até hoje reconhecida e referência aos alunos da instituição.

²² Existem contribuições relevantes que exploram a íntima relação de Tunga com a arquitetura, a poesia e a dimensão corpórea, espacial e processual de suas instaurações — como os trabalhos de Lisette Lagnado (2001), André M. Monteiro (2011), Viviane Matesco (2013), Suely Rolnik (1997; 2001; 2011), Vanessa S. D. Sousa (2023; 2024) e Maria E. Capotorto (2024). Embora essas abordagens não partam diretamente da experiência de Tunga com a Escola de Arquitetura de Valparaíso, são estudos fundamentais que aprofundam os vínculos entre arquitetura, poesia e corpo em sua obra.

Considero-me um poeta. O poeta se define classicamente pela palavra. Para mim o poeta se define sobretudo pela sua poética. E poética não é um termo que se restringe ao uso das palavras, pode se expandir ao uso das mais indeterminadas formas de expressão. (Tunga, 2006).

Somada à importância da poesia na obra, Tunga conceitua Instalação colocando também em primeiro plano a instauração de um fenômeno e a posição do sujeito neste. Em suas palavras “Acho que numa performance ou numa instalação - prefiro chamar de instauração - produzimos algo efetivo, instaura-se algo, há uma espécie de fenômeno” (Tunga, 2009, p. 168). E reafirma o artista em uma entrevista de 2004 ao programa de televisão Ideógrafo:

O que faz a obra é a presença do sujeito complexo, um sujeito que é capaz de transmitir, de adensar, de colocar e impregnar aquele objeto de experiências dele. São pequenas experiências que as pessoas podem não se dar conta e em uma obra se revela, aparece. [...] Acho que é fundamental a presença do humano na obra de arte. Enquanto obra de arte, para a obra de arte e através dela. (Tunga, 2004).

A noção de consumação/instauração de um ato que celebra a presença de um corpo em coletividade, exercitando sua sensibilidade poética em toda a sua potencialidade do que é inerente à condição humana que permeia a prática pedagógica de Valparaíso parece estar presente na obra de Tunga, bases conceituais e práticas que as relacionam em profundidade. Além do papel central e constitutivo da poesia, tanto nos atos poéticos realizados na Escola de Arquitetura de Valparaíso, quanto nas instaurações de Tunga, outras semelhanças conceituais e práticas podem ser observadas nesses dois polos de produção.

Ambos têm como ponto comum a interatividade e participação das pessoas, sendo estas convidadas a se envolverem ativamente: nos atos poéticos de Valparaíso, a grande quantidade de alunos presentes participam das proposições, enquanto Tunga também busca essa interação em suas instaurações, frequentemente transformando o público em parte da obra. Outro ponto comum é a experiência sensorial: tanto os atos poéticos quanto as instaurações de Tunga priorizam o estímulo dos sentidos, criando ambientes que convidam à experiência sensorial e a interação, levando à reflexão sobre a própria vivência do espaço e a materialidade que o cerca.

Com esta perspectiva de identificação de eventos do passado de Tunga, traçar esses caminhos e paralelos na trajetória do artista nos leva a reflexão sobre sua produção; em particular sobre como sua prática poética se aproxima de uma experiência configurada em um antigo aspecto referente à formação de Tunga via Brasil e Chile e, intrinsecamente, atravessada pela presença de seu pai, Gerardo.

Com base nesses apontamentos, este trabalho buscou demonstrar de que modo e em que medida Tunga concebeu sua produção artística como prática e ato poético, manifestados tanto em palavras quanto na instauração do espaço. Para ele, esses elementos são indivisíveis e o que aprendeu e construiu a partir da pedagogia de Valparaíso, somado às inúmeras experiências, vivências e contatos ao longo de sua carreira, constitui o cerne de sua obra, que parece girar em torno de atos poéticos como prática.

4 Conclusão

Retomando as noções apresentadas no referencial teórico-metodológico, este trabalho visou apresentar aspectos biográficos da obra de Tunga não desvinculada de sua vida, assim acionando a noção de “biografia de intelectual”, conforme Dosse. E, não buscando abarcar a totalidade da mesma, mas sim fragmentos que destacam ao que a abordagem da pesquisa se propôs, de acordo com a noção de “biografema” de Barthes. E, sobretudo, de modo algum buscando ser uma e constituição histórica do passado, mas sim atravessada a todo momento pela interpretação das fontes e o processo aberto que necessariamente conforme a pesquisa.

A partir da organização e análise dos arquivos, foram realizadas aproximações e interpretações que exploram materiais que oferecem indícios de experiências e experimentações vividas em sua juventude, revelando camadas adicionais para compreender o alcance de sua poética. Reconhece-se uma prática poética conectada a experiências anteriores, especialmente à sua aproximação com a Escola de Arquitetura de Valparaíso, em particular às experiências realizadas na *Ciudad Abierta* durante sua juventude – embora não exclusivamente a elas, mas como fragmento de uma trajetória, como parte de uma construção contínua. Esse recorte reflete uma interdisciplinaridade que ainda hoje se mantém significativa.

Buscar iluminar as possíveis ressonâncias entre suas experiências formativas e sua prática poética, contribui para um entendimento mais amplo do impacto da arquitetura e da poesia na construção de sua linguagem artística e na articulação de sua prática poética singular. Trata-se de um olhar para a prática poética de Tunga, amplamente reconhecida e teoricamente consolidada na arte contemporânea, que pode ser recontextualizada a partir dos arquivos, acervo e documentos pessoais do artista. Essa relação evidencia as ressonâncias conceituais e processuais que enriquecem a compreensão de sua obra e destacam a relevância de suas experiências formativas na construção de sua poética artística. Uma abordagem abre a possibilidade de revisitar a obra de Tunga sob uma perspectiva renovada, explorando caminhos que sugerem novos acessos e interpretações.

Agradecimentos

À CAPES pelo apoio à pesquisa, ao Instituto Tunga pelo acesso à vida e obra do artista e à Escola de Arquitetura e *Design* da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso pela contribuição à pesquisa.

Referências

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CATUNDA, Márcio. **Na trilha dos eleitos**: Gerardo Mello Mourão, Poeta Oracular/ José Alcides Pinto, Demônio Iluminado. v. 1. São Paulo: Espaço e Tempo, 1999.
- CYPRIANO, Fábio. Tunga. **TAM nas Nuvens**, Rio de Janeiro, set. 2012, p. 80-91.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

FERREIRA, Ignacio. Alumínio, chumbo e seda: Tunga e suas tranças “fantasmáticas”. **O Globo**, 18 ago. 1984.

LAMPERT, Catherine. **Tunga**. São Paulo: Cosac Naify, 2020.

MACHADO, Gabriela Pires. **Horizontes experimentais da arquitetura**: práticas espaciais contra hegemônicas em arquivos latino-americanos 1960-1990. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/42102>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARCELINO, Lorena Marcelino. Exposição Eu, Você e a Lua, de Tunga, é marcada por paradoxos da vida. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/colunistas/lorena-marcelino/2024/01/6785410-exposicao-eu-voce-e-a-lua-de-tunga-e-marcada-por-paradoxos-da-vida.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

MARTINS, Alexandre. A arte metafísica de Tunga. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 out. 1987.

MEURER, Clara Machado; SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Ciudad Abierta: uma paisagem vivenciada. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPARQ, 5., 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPARQ, 2018.

MEURER, Clara Machado. **Paisagem e poética**: um estudo sobre criação e ensino de arquitetura a partir da experiência da Escola de Arquitetura e *Design* da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.16.2021.tde-30042021-163114>. Acesso em: 15 set. 2025.

MORESCHI, Bruno. Dentes descabelados: enigmas e entrechoques nas obras de Tunga. **Piauí**, São Paulo, n. 49, outubro de 2010. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dentes-descabelados/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MELLO MOURÃO, Gerardo. **Los ojos del gato & el retoque inacabado**: memorial de Edison Simons. Valparaíso: e[ad] Ediciones; Taller de Investigaciones Gráficas Escuela de Arquitectura Y Diseño PUCV, 2013.

MUARREK, Ubiratan; ZANETTE, Emerson. Fashion show. **Jornal da Tarde**, São Paulo, jul. 1997.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 2 de julho de 1974.

O GLOBO, Matutina, Segundo Caderno, página 4, 28 de agosto de 2010.

PHALENE, um ato poético. **Correio da Manhã**, Edição 23849, Rio de Janeiro, 1971.

PONTES, Maria do Carmo. **Art Review**, 27 jun. 2013. Disponível em: <https://artreview.com/september-2012-tunga/>. Acesso em: 15 set. 2025.

ROLNIK, Suely. Instauração de mundos. In: **Tunga 1977/97**. Bard College, Annandale on Hudson, New York, 1998.

SANTOS, João Vergara dos. **Sobre a formação e o acesso a acervos de arte contemporânea**: o caso do Ateliê Carlos Vergara. 2009. Dissertação (Mestrado

Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/2616>. Acesso em: 15 set. 2025.

SPINELLI, João. Tunga fez da arte um experimento de liberdade. **Jornal da USP**, São Paulo, 2016.

SZTULMAN, Paul. Tunga. *In: Documenta 10*. Kassel: Documenta, 1997.

TEIXEIRA, Carlos M. Cooperativa *Ciudad Abierta*, Chile. **Arquitextos**, São Paulo, n. 034.01, Portal Vitruvius, mar. 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.034/698>. Acesso em: 18 set. 2025.

TUNGA. *In: ARTE* negra serve de pesquisa para os mini-pintores. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, jan. 1968.

TUNGA. *In: SIMÕES*, Alessandra. Tunga o artista que veio de Vênus. **Bien'Art**, São Paulo, janeiro de 2006.

TUNGA. *In: CADERNOS EAV*. Cadernos Eav 2009 - Encontros com Artistas. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), 2009.

TUNGA, entrevista em “O Espaço é do Artista”, com Ruth Chindler. Parte 1. 2014a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1zhN5avjgRo&t=1424s>. Acesso em: 18 set. 2025.

TUNGA, entrevista em “O Espaço é do Artista”, com Ruth Chindler. Parte 2. 2014b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jktnJWanPnU>. Acesso em: 18 set. 2025.

TUNGA, entrevista ao Ideógrafo. Parte 1. 2014c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zW1E5EE3o1c>. Acesso em: 18 set. 2025.